

# Captação externa deverá ficar mais difícil

Custo do eurobônus de empresas brasileiras já subiu entre 5% e 10% no mercado secundário

302  
Sueli Campo\*, Tatiana Bautzer\*  
e Érica Fraga

• SÃO PAULO e RIO. A crise argentina não poderia ter vindo em pior momento para o mercado de dívida externa de empresas e bancos brasileiros, que tende a ficar retraído novamente. Segundo avaliação de especialistas, o custo de novas captações deve subir para emissores brasileiros. O problema, diz o vice-presidente de um banco estrangeiro, é que os investidores internacionais colocam todos os países da América Latina "numa vala comum", dificultando a captação de recursos.

— As emissões que estão prontas para sair devem ficar em regime de *stand by* e quem tiver rolagem para fazer agora deve pagar mais caro — complementa o diretor da área internacional e de câmbio do Banco Sudameris, João Luiz Pasqual.

O custo dos eurobônus de empresas e bancos brasileiros já subiu entre 5% a

10% no mercado secundário de dívida em Nova York nas duas últimas semanas, o que mostra que a remuneração pedida pelos investidores para comprar papéis brasileiros será maior se a crise na Argentina continuar. Segundo o gerente sênior do BBA Securities em Nova York, Felipe Pontual, a tendência é as empresas esperarem "a poeira abaixar" para fazer novas captações.

## Número de emissões tinham aumentado bastante em abril

Há duas semanas, antes da crise argentina, o custo das novas emissões e rolagens oscilava entre 10% e 10,5% ao ano em operações com prazo de vencimento de um ano. Mas algumas instituições financeiras de primeira linha, caso do Itaú e do Unibanco, já estavam conseguindo pagar remuneração aos investidores estrangeiros inferior a 10% e por prazo superior a um ano.

Levantamento feito pela Associação Nacional dos Bancos de Investimento

(Anbid) mostra que as empresas e instituições brasileiras chegaram a conseguir uma recuperação rápida de confiança no exterior em abril. Sinal disso foi o crescimento no número de emissões de novos papéis — que servem para o financiamento das empresas — no exterior. Segundo dados da Anbid, houve 20 emissões de papéis brasileiros em agosto de 1998, antes do início da crise russa. Depois esses lançamentos minguaram. O fundo do poço aconteceu em janeiro desse ano, quando ninguém conseguiu emitir papel por causa da mudança na política cambial. Mas, em abril, o cenário mostrava sinais expressivos de melhora e o número de emissões havia aumentado novamente, beneficiando oito instituições, conforme mostra o levantamento da Anbid. Eduardo Tieppo, diretor de tesouraria do HSBC Bamerindus e da Anbid, não acredita que as empresas terão dificuldade de fazer novas captações:

— Acho que os juros internos pode-

rão ter um repique, mas as empresas não deverão ter dificuldade de continuar captando.

## Dívida externa poderá ser substituída por interna

Já para o vice-presidente de um banco estrangeiro, um custo acima de 10,5% representa desembolso alto demais. Para as empresas que dispõem de caixa, acrescenta ele, o melhor é pagar a dívida. Ele não acredita na possibilidade de calote por parte das empresas, mas em novas formas de captação. O mais provável é a substituição de dívida externa por interna, apesar do custo mais elevado. Para empresas de primeira linha, as captações em reais podem significar hoje juros de 27% ao ano para operações de vencimento em um ano. Vencem nos próximos dois meses US\$ 3,3 bilhões em bônus lançados no exterior. ■

\* Da Agência O GLOBO